

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes – EBA/ UFMG
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias
Contemporâneas - CEEAV

Cristiane de Jesus Garcia Ferreira

**O DESENHO NO ENSINO FUNDAMENTAL:
uma proposta aprendizagem para o 5º ano do ensino fundamental**

Contagem - MG

2020

Cristiane de Jesus Garcia Ferreira

**O DESENHO NO ENSINO FUNDAMENTAL:
uma proposta aprendizagem para o 5º ano do ensino fundamental**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador(a): Rodrigo Borges Coelho

Contagem, MG

2020

Ferreira, Cristiane de Jesus Garcia.

O desenho no ensino fundamental: uma proposta de aprendizagem para o 5º ano do ensino fundamental / Cristiane de Jesus Garcia – 2019.

33 f., enc.

Orientador(a): Rodrigo Borges Coelho.

Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes.

Referências: f. 32-33

1. Artes visuais – Especialização. 2. Estudo e ensino – Especialização. I. Título. II. Coelho, Rodrigo Borges. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes.

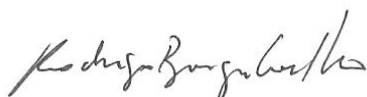
CDD: 707

Nome: **CRISTIANE DE JESUS GARCIA FERREIRA**


O DESENHO NO ENSINO FUNDAMENTAL: uma proposta de aprendizagem para o 5º ano do ensino fundamental.

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Pelas condições da Banca Examinadora a aluna foi considerada: **APROVADA**.



Prof. Rodrigo Borges Coelho – CEEAV/ EBA/ UFMG - (Orientador)



Profa. Camila Rodrigues Moreira Cruz – CEEAV/ EBA/ UFMG (Membro da Banca Examinadora)



Profa. Patrícia de Paula Pereira
Coordenadora do Curso de Especialização em Ensino de Artes
Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes
Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG

Belo Horizonte, 29 de fevereiro de 2020.

Resumo

Neste estudo, busca-se identificar os principais aspectos ligados à arte que influenciam no comportamento de alunos do quinto e sexto ano do ensino fundamental. Esses alunos, em transição entre infância e adolescência, apresentam elementos em sua personalidade, que trazem diversos desafios para os educadores. Por meio do levantamento de elementos da Teoria Junguiana, são identificados aspectos comportamentais dos alunos que podem sofrer influência de questões emocionais, de memórias afetivas e de aspectos físicos, sociais e contemporâneos. Neste contexto, discute-se o papel da arte como elemento para auxiliar os alunos na manifestação de sua individualidade. Ao mesmo tempo busca-se construir instrumentos de apoio para os educadores no reconhecimento de padrões de comportamento muitas vezes não expressos de forma objetiva. Reforça-se a importância da arte em estimular a criatividade e manifestação do subconsciente de forma abstrata, sem necessidade de seguir qualquer tipo de padrão predeterminado.

Palavras-chave: 1. Ensino de Artes Visuais; 2. Desenho; 3. Teoria Junguiana; 4. BNCC.

Abstract

In this study, we seek to identify the main aspects related to art that influence the behaviour of students in the fifth and sixth year of elementary school. These students, in transition between childhood and adolescence, have elements in their personality, which bring different challenges for educators. Through the survey of elements of Jungian Theory, behavioural aspects of students are identified that may be influenced by emotional issues, affective memories and physical, social and contemporary aspects. In this context, the role of art is discussed as an element to assist students in the manifestation of their individuality. At the same time, it seeks to build support instruments for educators in the recognition of behaviour patterns that are often not expressed objectively. The importance of art is reinforced in stimulating the creativity and manifestation of the subconscious in an abstract way, without the need to follow any type of predetermined pattern.

Keywords: 1. Visual Arts Teaching; 2. Drawings; 3. Jungian Theory; 4. BNCC.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO -----	08
2. A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS NA CRIATIVIDADE DOS ALUNOS -----	10
3. BREVE RELATO SOBRE A TRANSIÇÃO DA INFÂNCIA PARA A ADOLESCÊNCIA -----	15
3.1 PELO SENTIR E NÃO SÓ PELO SABER -----	18
3.2 O QUE PROPÕE O BNCC -----	21
4. ELEMENTOS DA LINGUAGEM VISUAL -----	24
5. CONCLUSÕES -----	30
6. REFERÊNCIAS -----	32

1. INTRODUÇÃO

Em minha prática diária, tenho me deparado com estudantes que, estando em fase de transição do quinto para o sexto ano do ensino fundamental, pensam não saber desenhar, não se sentem desejosos em expressarem seus sentimentos e imaginações através da arte/desenho. Meu propósito é investigar algumas vertentes do campo do desenho, relacionadas ao desenvolvimento da autonomia e identidade. Como se dá esse aprendizado? Qual caminho seguir na escola para que o aluno desenvolva com qualidade suas capacidades de criar, pensar e reagir na vida, através de imagens que muitas vezes vão falar por ele (e para ele) em seu dia a dia?

Investigar o desenvolvimento do desenho na atividade escolar, é perceber que o todo acontece pela interligação de vários pontos. Partindo dos cinco elementos das artes visuais – linha, superfície, volume, luz e cor – uma infinidade de possibilidades se configura. Tais elementos são portas para o conhecimento gráfico e visual; e para que o estudante possa se expressar de forma criativa, lúdica e objetiva dentro de suas perspectivas de imaginação, memória visual e emoção.

Na construção de práticas de desenho para esse grupo específico, o 5º ano, é fundamental ter em conta que esses estudantes já possuem uma certa bagagem visual significativa, construída ao longo dos anos iniciais de escolarização e fora da escola, especialmente junto à cultura de massa.

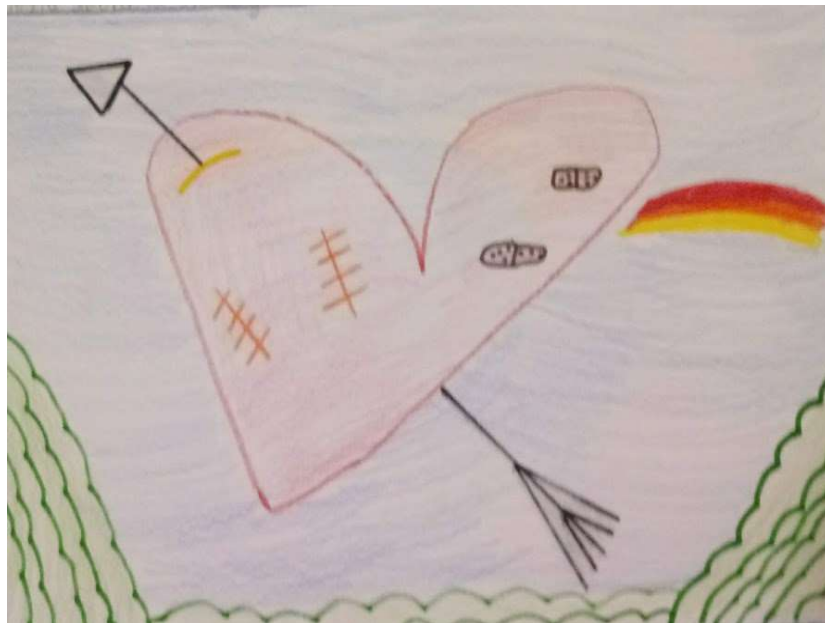
O desenvolvimento desta monografia aborda principalmente a visão dos autores Howard Gardner e Fayga Ostrower, com alguns aportes da teoria da psicologia analítica de Carl Gustav Jung. Este estudo leva em conta também o texto da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), publicada em 2018, a respeito do ensino da arte para alunos do quinto ano.

Discutirei nos próximos capítulos, quais são os norteadores da transição dos alunos do quinto para o sexto ano do ensino fundamental e como a arte pode contribuir para que seja uma mudança mais saudável e afetiva. Ao final, apresenta-se

algumas imagens de acervo próprio, produzidas por crianças que têm entre dez e onze anos. Com isso, busca-se evidenciar uma possível produção de material didático voltado para a linguagem das artes visuais.

Para tanto, serão desenvolvidos os seguintes tópicos:

- Como a arte, por meio do desenho, pode desenvolver a autonomia?
- Como o aluno pode se perceber único através do desenho?
- De onde vem a afirmação de que desenhar é um dom? Qual a importância de desenvolver a linguagem visual?



Coração Magoadado (Acervo pessoal)
Desenho de uma criança de 10 anos. 2018.

2. A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS NA CRIATIVIDADE DOS ALUNOS

“E de todas as coisas, um, e de um todas as coisas.”

(Os Pré-Socráticos, 2005 p.35.)

Ponto!

Começemos pelo fim! Começemos por pensar: o que nos une? O que nos aproxima? O que nos separa? O que nos interliga à arte e à educação? Quem realmente está interessado pela arte, e por seus desdobramentos? O que há de arte à nossa volta?

Em meio a esses devaneios começou-se a pensar esse trabalho de conclusão de curso. Quem são esses estudantes que nos chegam a cada ano, com tantas informações? O acesso das crianças e jovens à informação é hoje tão grande, rápido e fácil que muitas vezes não nos damos conta do quanto lhes é necessário experimentar e exercitar através da imaginação e da arte, outras novas formas de expressar e de comunicar. Até que ponto a televisão e as mídias em geral podem tolher ou estimular a criatividade e a imaginação?

“A meu ver, a acusação de que a televisão destrói ou reduz os poderes imaginativos é em grande parte infundada. De fato, em vez de solapar as tendências criativas e ativas e de resolução de problemas da criança, a televisão, durante os anos iniciais da infância, pode ser um grande estimulador das capacidades imaginativas.” (GARDNER, 1999, p.218)

De acordo com Gardner (1999), a influência da televisão pode sim ser positiva na construção da imaginação e criatividade. Ele defende a necessidade da intervenção de um adulto como forma de balizar essa interação entre a criança ou adolescente e a televisão. Porém, hoje não se trata somente de televisão e sim de várias outras mídias onde os estudantes são bombardeados por programações diversas. Se considerarmos o ano de publicação do texto de Gardner no livro *Arte, Mente e Cérebro*, em 1999, temos a impressão de que se passou muito tempo; e são muitos mesmos! Vinte e um anos. O acesso à internet é hoje muito fácil e rápido. Mas e o

desenho dessas crianças, melhorou com isso? Elas se tornaram mais habilidosas ou mais críticas de sua capacidade de representação visual?

Enfim, o que há de novo com a influência de tantas tecnologias em relação ao desenho das crianças que pode contribuir para seu desenvolvimento não só de habilidades como também de identidade e indivíduo que é?

Ainda de acordo com Gardner (1999), podemos provocar a formação da criatividade e imaginação apresentando a mesma história ou cena para as crianças, porém de formas diferentes. Para um determinado grupo, apenas contamos a história, lendo em um livro, por exemplo. Para outro, podemos exibir filmes só de imagens sobre a mesma história. Em seguida, pedimos aos estudantes que façam desenhos sobre o que foi visto ou ouvido. Ao final, as crianças apresentam suas produções e os resultados mostram como tanto a oralidade quanto as imagens podem influenciar na produção visual desses estudantes. Essa experiência é relatada pelo autor no livro *Arte, Mente e Cérebro, vivida* por duas de suas colegas, *Laurene Meringoff e Martha Vibbert*.

Com tal pressuposto, considera-se pertinente olhar para a constituição e contribuição do desenho na construção de autonomia dos estudantes do quinto ano do ensino fundamental, com idade entre dez e doze anos. Trata-se de um período de transição, no qual a rotina escolar desses alunos muda drasticamente. A caminho do sexto ano do ensino fundamental, eles passarão a ter nove professores diferentes transitando em suas turmas, com metodologias e personalidades das mais diversas possíveis.



É um cavalo? (Acervo pessoal)
Desenho de uma criança de 11 anos. 2017.



Você me vê? (Acervo pessoal)
Desenho de uma criança de 10 anos. 2017.

Na BNCC (Base Nacional Curricular Comum), foram definidas diretrizes que solicitam uma atenção diferencial nessa fase de transição da primeira parte do ensino fundamental para a segunda. Nessa fase, é preciso um cuidado maior com a sistematização dos conhecimentos, mas de modo a considerar as expressões culturais juvenis e promover experiências mais diversificadas. O aprofundamento das aprendizagens nas diferentes linguagens, deve possibilitar aos estudantes maior autonomia em suas experiências e vivências artísticas. (BNCC, 2018, p. 207).

A partir dessa fase, o aluno não tem mais o professor de referência com o qual o estudante já estava familiarizado desde o primeiro ano do ensino fundamental. Agora tudo é novidade. A rotina escolar muda com a chegada de nove professores diferentes, cada um com sua metodologia. E como fica a produção visual através do desenho nessa nova etapa?

Além das mudanças na rotina escolar, o aluno, nesta fase, também passa por processos de mudanças em seu próprio corpo e no ambiente social. Tanto meninos, quanto meninas, passam a se perceberem diferentes, seja na voz, na aparência ou no comportamento. Neste contexto, questiona-se mais uma vez o papel da arte como ferramenta de auxiliar neste momento da vida escolar.

Pensar a arte como conhecimento necessário e compatível com qualquer nível de escolaridade é dar vazão para as ideias se tornarem mais concretas. O contato das crianças com a arte provoca a atividade imaginativa e criativa da mente, estimulando a vontade de criar formas e objetos, mundos novos, criar qualquer coisa, simplesmente porque é possível. Ah a arte! Realidade mágica e persuasiva que possibilita ao homem imaginar, criar mundos e ultrapassar as limitações concretas que parecem, e as vezes são, intransponíveis.

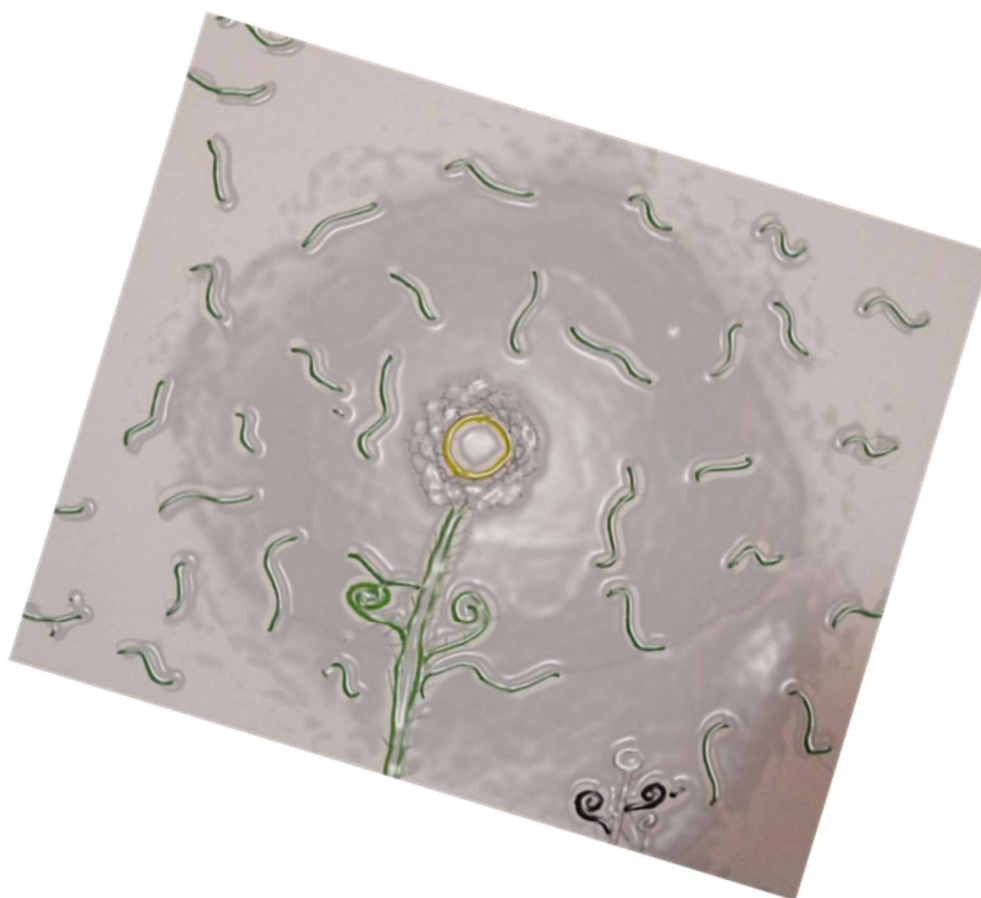
As crianças amam desenhar, e se identificam com as imagens de forma positiva e criativa. Então qual seria a barreira a se transpor afinal? Seria o preconceito em relação às imagens produzidas por elas? Ou a forma como as produzem? Modelos prontos seriam necessários nessa nova fase de aprendizado?

E para tudo isso há de se pensar no tempo!

“Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Entro num acordo contigo
Tempo, tempo, tempo, tempo...”

(VELOSO, 1979)

Falar do tempo é importante, pois remete ao momento de amadurecimento de cada indivíduo em seu percurso de vida escolar. É ele quem pondera, quem ampara e mostra os caminhos em cada situação. É o tempo que define o calendário escolar, por exemplo, onde cada aluno precisa mostrar que “sabe” algo, seja na prática ou só na teoria. É ele quem vai dar o tom, quem vai conduzir essa trajetória de descobertas e vontades, acrescidas de realidades!



Não de apegue. (Acervo pessoal)
Desenho feito por uma criança de 10 anos. 2019.

3. BREVE RELATO SOBRE A TRANSIÇÃO DA INFÂNCIA PARA A ADOLESCÊNCIA

Traçando um panorama da adolescência no século XX, o psicólogo e psicanalista Ivan Roberto Capelatto¹ observa que na primeira metade do século XX as meninas eram preparadas para a maternidade, enquanto os meninos para o trabalho, muitas vezes seguindo a profissão ou ofício dos pais. Não havia muita preocupação com o que eles estavam passando ou sentindo. As mães estavam ali sendo mães. Havia, então, à época uma ideia de riqueza afetiva constituída por esse núcleo familiar com pais definidos e diferentes para homem e mulher.

Capelatto segue sua explanação afirmando que, com o crescimento das famílias, a atenção aos filhos se torna cada vez mais escassa e distante. O afeto começa a ser transferido para os diários. Ali são relatadas as angústias, os anseios, os sentimentos de ausência de algo na vida desses adolescentes. Nessa época nasce a amizade, o vínculo afetivo, há a transferência do amor da família para uma outra pessoa, um amigo. Com isso nasce a ideia de grupos. Os anos 1940 dão essa guinada na relação das famílias. O jovem começa a dar vazão a essa angústia de ser adolescente.

Nos anos 1950, nasce a juventude transviada. Esses jovens começam a se ligar ao prazer pelas bebidas, pela velocidade, pela aventura. De acordo com Capelatto, essa situação se dá de forma inconsciente. Na década de 1980, a geração já é a da mamadeira, do deixar seu filho no berço, de não se incomodar ou dedicar tanto, como fizeram as gerações passadas. Cada vez mais a sociedade começa a aumentar o consumo e perder a crença na religião, na política e na ciência. A crença passa então para a ideia de viver o momento. O filho passa a ser o “rei” dele mesmo, e não mais o foco dos pais.

¹ Tema debatido pelo psicólogo e psicanalista, Ivan Roberto Capelatto para o canal, Café Filosófico em maio de 2017.

Do segundo ao quinto ano de vida, segundo Capelatto, há a formação do funcionamento da amígdala cerebral. Estão sendo formados o medo, a raiva e a culpa. Onde se dá a neurose. É nessa situação que a criança deveria aprender a conviver com a frustração, há a formação do ego.

Do sexto ao décimo ano de vida começa o processo de montagens das neuroses. Começam os chamados tiques. A criança se nega a comer a comida misturada no prato, por exemplo. É o aprendizado de conviver com essas frustrações que nos protege da loucura a partir do décimo primeiro ano de vida.

A neurose vem através do desamparo. Começam a se questionar pelo formato do corpo, ou por não fazer parte de um grupo. Os anseios desses adolescentes são inúmeros. A angústia aparece através dessa neurose (raiva, medo e culpa). Alguém precisa perceber isso, e geralmente quem percebe é a escola.

É preciso haver quem suporte essas angústias levadas por essas crianças e adolescentes, alguém que ouça suas neuroses e possa dar vazão a todo esses anseios. E por que não através da arte?

A neurose se forma a partir de um tripé: raiva, medo e culpa. Ter o equilíbrio nesse tripé é essencial para a vida. A criação familiar, claro com suas exceções, muitas vezes gera crianças e adolescentes sem base para ficar de pé nessa tríade de sentimentos. Quando a criança expressa algum medo, lhe dizem que não é bem assim, não precisa ter medo. Assim ela perde a noção do que é se proteger de algo! Quando ela manifesta a raiva, é dado a ela outra opção para que não tenha esse sentimento dito “horível”. Essa raiva é repreendida e abafada para que não apareça mais. Quando vem a culpa, os pais logo se colocam no lugar do filho e se sentem culpados também.

Evitar esses sentimentos é evitar a construção de elementos fundamentais para lidar com as frustrações da vida, é alimentar uma sociedade perversa, onde ninguém pode sentir nada além dos padrões impostos pela maioria. É limitar o comportamento de maneira a se encaixar numa forma social. Porém, não se

percebe o perigo de não trabalhar esses sentimentos para o desenvolvimento humano.

A adolescência na atualidade, conclui Capelatto, deixou de ser um período orgânico para ser um período conceitual. A família não lida com afetividade, pois não tem tempo. Não ocorre a transferência do amor para os amigos. Há sim uma infinidade de pessoas com às quais eles convivem, porém quando precisam de amigos eles não os têm. Os pais desses adolescentes estão em sua maioria se vestindo, falando e convivendo como adolescentes também. Não conseguem perceber um filho angustiado. Todo esse mecanismo faz com que haja uma busca pela identidade, pela autonomia. É uma eterna angústia de pertencer a algo, e pertencer a algo pode passar pelo crivo da crítica de sua produção no desenho ou em outras habilidades artísticas.

O papel da arte é fundamental para que não apenas haja um olhar sobre essas questões, mas também uma vazão criativa aos anseios dessas crianças em transição. A criança em transição para a adolescência, passa a se vestir para ser notada, quer ser vista pelo simples fato de se sentir diferente e especial. Essa ideia de ser desejado pode estar conectada à sua memória fetal, onde em muitos casos, nem foi tão desejado assim. Mas tudo ocorre de forma inconsciente.

Na escola vai haver competições e rivalidades, trazendo essas emoções à tona. Medo, culpa e raiva. Algo irá acionar esses gatilhos mentais para que eles apareçam. E se isso não for aceito antes, na escola saltará aos olhos dos professores e orientadores. A arte, através do desenho, é uma das formas desses estudantes se expressarem e relatarem seus sentimentos e reações muitas vezes reprimidos pela família.

3.1 PELO SENTIR E NÃO SÓ PELO SABER

De acordo com Amanda Amorim Costa e Silva, que criou e administra o site HUMANAMENTE², na teoria psicanalítica de com a filosofia de Jung³ todo ser se desenvolve a partir do inconsciente, seja ele coletivo ou pessoal. É o inconsciente que se comunica o tempo todo com nosso consciente/ego para que possamos atuar no mundo. Jung desenvolve a ideia de inconsciente coletivo, onde habitam as camadas mais profundas da memória primordial da humanidade, que molda nossa personalidade. Lá ficam armazenadas muitas estruturas psíquicas. Memórias ancestrais. Nele tudo é compartilhado, tudo que já aconteceu, acontece ou vai acontecer. Para Jung, os sonhos são muito mais profundos, incluem desejos de evolução espiritual, manifestações artísticas, intuição e encontro com o divino (Deus, Alá, Oxalá, Universo etc.).

Em uma série de três vídeos didáticos⁴, Amanda apresenta as fases da teoria junguiana. Ela mostra que estamos concentrados no ego/consciência, sem esboçar nossos traumas, medos ou outra coisa que não seja do nosso interesse num determinado momento. Já no inconsciente, temos toda uma bagagem, seja ela coletiva – amparada no passado coletivo da humanidade, com seus traumas, medos, anseios e produção em todos os aspectos que possam ser inseridos – ou pessoal, onde são registradas nossa vivências pessoais, com experiências reprimidas, traumas e frustrações e também as informações subliminares que possam ter sido registradas ao longo de nossa vida.

² <http://www.didatics.com.br/index.php>

³ Um dos maiores intelectuais do século XX, nascido em 1875, Carl Gustav Jung é o fundador da Psicologia Analítica. Além de estudar psiquiatria, se interessou também por arte, mitologia e religiões. Foi por treze anos muito amigo de Freud, trocando correspondências e experiências, tendo um rompimento principalmente por divergências em suas teorias ligadas a teorias ocultistas. Faleceu em junho de 1961.

⁴ <http://www.didatics.com.br/index.php/psicanalise/jung/parte-1-inconsciente-coletivo>;
<http://www.didatics.com.br/index.php/psicanalise/jung/parte-2-arquetipos-e-complexos>;
<http://www.didatics.com.br/index.php/psicanalise/jung/parte-3-tipos-psicologicos>.

No inconsciente coletivo, a raiz está em todas as experiências que são passadas adiante através de conceitos sobre a natureza, espiritualidade e todos os aspectos da humanidade. Ele é inato. Ele é uma base biológica de experiências ancestrais que se unem às experiências pessoais.

Jung desenvolve a noção de que todos nós temos arquétipos que permeiam nossa mente coletivamente. Ativando sempre o inconsciente coletivo.

Desses arquétipos podemos citar, a Persona, que é a qualidade que um indivíduo tem de se expressar publicamente ou particularmente, mostrando sempre o que esperar dele em cada situação. Fazendo seu papel (pai, mãe, professor, adulto, criança). Aqui se desenvolve a autenticidade, individualidade e o equilíbrio para que haja uma expressão saudável.

Na manifestação do arquétipo da Sombra, temos a qualidade de esconder de nós mesmos e dos outros nossos os aspectos negativos da personalidade. A Anima, é qualidade feminina pertencente a mente dos homens (seres masculinos), ela é gerada nas experiências vividas com as mulheres que perpassam a vida desses homens, mães, irmãs, namoradas etc. O Animus, é a qualidade feminina pertencente ao inconsciente coletivo das mulheres, também formado a partir de experiências vividas com os homens (pais, irmãos, namorados...).

Quando a expressão é o arquétipo do Velho Sábio, cuja característica é produzir um falso saber à mente coletiva da humanidade. O sujeito quando desequilibrado pode atuar como alguém que se sente superior aos demais pelo fato de se acreditar mais sábio. Para Jung um arquétipo sozinho não poderia carregar todo esse o conhecimento.

Temos também o arquétipo do Herói, caracterizando -se, por se contrapor às adversidades e contra o mal. É nele que há a conquista da consciência.

E por fim o Self, ele é a junção de todos os outros arquétipos, é nele que o indivíduo equilibra todos os seus potenciais e une *Anima* e *Animus* de cada ser. Quando o indivíduo alcança o Self ele consegue responder a vários questionamentos e se ver

como alguém que realmente sabe o porquê de sua existência. É a noção que uma pessoa tem e si mesma. Envolve o autoconhecimento, que é o conjunto de crenças ou auto esquemas quando você descreve quem você é.

Jung também descreve um parâmetro de comportamento baseado em duas vertentes, Atitude e Função. Na atitude há duas características. A Introversa e a Extroversa. Já nas funções temos o Pensamento, o Sentimento, A sensação e a Intuição.

Quadro 1: Características de Atitudes e Funções

ATITUDES	
INTROVERTIDA	EXTROVERTIDA
Capacidade de voltar-se para dentro de si mesmo, pensamento fantasioso e focado no desejo.	Capacidade de voltar-se para o externo, para a realidade do dia a dia, para a praticidade.

Quadro 1: Características de Atitudes e Funções (Continuação)

FUNÇÕES			
<u>Pensamento</u>	<u>Sentimento</u>	<u>Sensação</u>	<u>Intuição</u>
Exerce atividade intelectual mais apurada. Foco no pensamento, nas ideias.	Está em constante avaliação de conhecimento ou ideias, diferente da emoção, ele avalia/sente para comprovar.	Ampara-se nos cinco sentidos como ferramenta de atuação.	É uma percepção através do inconsciente. Capacidade de antever situações ou fatos inerentes a sua vivência.

Para Jung, ninguém é cem por cento introvertido ou extroverso, mas há uma dessas atitudes que se encontra com maior evidências em cada pessoa. Como exemplo, o Quadro 2 apresenta um comparativo dessas características:

Quadro 2: Comparativo de Atitudes

Funções Psíquicas	Extrovertidos	Introvertidos
Pensamento	Atividade intelectual, encadeiam ideias. Ex. Autoridades.	Seguem suas próprias ideias, interpretações. Ex. Filósofos. Inventores.
Sentimento	Seguem normas sociais. Ex. Políticos e Empresários.	Leva em conta seu modo de ver as coisas e não só as normas. Ex. Críticos de Arte.
Sensação	Leva em conta estímulos concretos. Ex. Sommelier, Avaliadores de cor.	Avaliam de forma subjetiva. Ex. Desenhista, Pintor, Artista Gráfico.
Intuição	Percebem mensagens subliminares. Minuciosos. Ex. Inventores, cientistas.	Percebem de acordo com o inconsciente. Ex. Profetas, Místicos.

A maioria das pessoas só consegue desenvolver uma das funções, mas aqueles que conseguem desenvolver três ou quatro podem considerar que estão mais próximos da individuação, que é considerada a inteireza da pessoa, é a realização do Self; ela se encontrou; está auto realizada. Mesmo sendo um processo bem raro de ocorrer. Se cada indivíduo irá gravar em seu subconsciente uma relação de fatos e acontecimentos diferentes, cada um focado em um campo de atenção, a ideia de que o essencial para o aprendizado seja sentir é bem interessante, tendo em vista a realidade da arte em si.

3.2 O QUE PROPÕE A BNCC

A BNCC, nos dá um embasamento ou parâmetro para trabalhar as artes visuais consideravelmente pertinentes. São sugeridos seis eixos de conhecimento que buscam o entrelaçamento entre si para que realmente ocorra a construção do conhecimento em arte. Eles são listados como:

Criação: Consiste no fazer artístico; ele dá forma principalmente às ideias do indivíduo. O ponto principal é articular todos os campos que envolvam a cognição do estudante e assim criar algo através de suas experiências pessoais e coletivas.

Estesia: O estudante é o protagonista de sua produção. Parte do princípio do desejo de conhecer a si mesmo.

Expressão: Seria a capacidade ou até mesmo oportunidade de se expressar para o mundo exterior de forma subjetiva. Para isso é preciso que haja uma “bagagem” de experiências artísticas, onde tenha sido explorada uma infinidade de materiais, dando luz às possibilidades de expressão do estudante.

Fruição: Consiste em sentir-se interessado de forma prazerosa na realização de práticas artísticas. Esse eixo irá dar um primeiro passo para que haja uma continuidade de vivências no caminho das artes visuais.

Reflexão: é a capacidade de condensar todo seu percurso nessa prática prazerosa e curiosa na realização de vivências nos processos artísticos. (BNCC, 2017 p. 194).

As intenções da BNCC são bem objetivas e amplas. Esses seis eixos nos dão um norte para o ensino/aprendizagem nas artes visuais, em especial no desenho.

As Artes visuais são os processos e produtos artísticos e culturais, nos diversos tempos históricos e contextos sociais, que têm a expressão visual como elemento de comunicação. Essas manifestações resultam de explorações plurais e transformações de materiais, de recursos tecnológicos e de apropriações da cultura cotidiana. (BNCC, 2017 p. 195)

Relacionando os seis eixos propostos pela BNCC (criação, estesia, expressão, fruição e reflexão) com as atitudes, *Introversa* e *Extroversa*, descritas por Jung, podemos dizer que ao desenvolver esses seis eixos iremos ampliar e contribuir para a formação dessa personalidade mais atuante, confiante e autônoma dos estudantes.

Um aluno extrovertido poderá ter maior habilidade para criar e se expressar, enquanto o introvertido pode estar mais conectado com a reflexão e estesia em sua vivência com a arte. Ambos, por sua vez, terão suas particularidades no que ressalta

expressão e fruição. Enquanto um irá ativar comandos mais práticos e objetivos, o outro fará conexões mais subjetivas e intuitivas com o mesmo conhecimento.

No desenho isso se mostra na linha densa, tensionada e interrompida. Ou linhas contínuas, uniformes que buscam um equilíbrio entre o pensamento e o gesto, trazendo à tona a imagem.

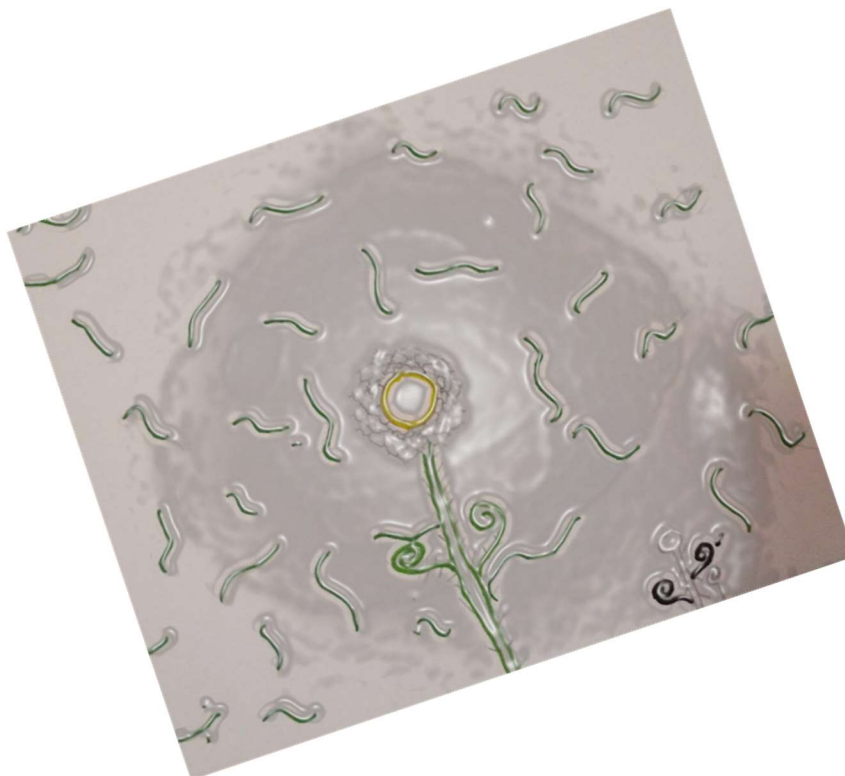
Sejam eles introvertidos ou extrovertidos, o que fica ao final, são as experiências geradas através da prática diária em arte. Vale mais o desenvolvimento das habilidades propostas, amparadas por um olhar voltado à potencialização da autoestima, autoconhecimento e construção de identidade. Onde a arte cumpre seu papel de transformador do intelecto. Estimulando a diversidade, criatividade, apropriação de si mesmo e inevitavelmente os questionamentos. Desenvolver esse olhar na educação é dar chance a arte de ser e estar onde lhe é chamada uma responsabilidade única, a de ser o elo entre razão e emoção. É saber que sem isso estaremos todos fadados a comparações infundadas e sem futuro, é reconhecer que na educação, principalmente na arte, não há espaço para concorrências e sim relações de afeto e conhecimento. Uma sem a outra seguirá incompleta.

4. ELEMENTOS DA LINGUAGEM VISUAL

A importância do desenvolvimento do desenho é tão essencial quanto o saber sobre português e matemática na escola. Com o desenho, a criança se expressa e mostra seu desenvolvimento de forma ampla. Em seu livro *Universos da Arte (1983)*, Fayga Ostrower, fala de cinco elementos da linguagem visual, sendo eles: a linha, a superfície, o volume, a luz e a cor. Segundo ela “é pelas dimensões espaciais articuladas como elemento, na específica organização de um espaço, que se caracterizam os elementos visuais” (OSTROWER, 1983 p.66). Tomando como base as definições da Fayga, serão usados desenhos do meu acervo pessoal, para ilustrar os conceitos citados a seguir.

Fayga passa por uma experiência de ensino para adultos em uma fábrica (algo bem inusitado para a época (1920) que surtiu importantes resultados para a reflexão de sua prática como professora de arte e para suas reflexões sobre a arte e seu ensino. A iniciativa de se ensinar arte a partir da vivência daquelas pessoas fez com que ela buscasse e criasse uma variedade de formas de ensinar. Quando ela fala de linha, não fala só do abstrato em si, ela consegue mostrar essa realidade para que eles visualizem não só nas obras de arte em quem observam, como também consegue fazer essa conexão com o ambiente físico no qual atuavam diariamente. Vamos então observar algumas conexões feitas por mim, atrelando as imagens aos conceitos e ao mesmo tempo aos arquétipos de personalidades descritas por Jung no capítulo anterior.

Linha – elemento que configura um espaço linear de uma dimensão; com ela apreendemos um espaço dimensional. Modificando seu direcionamento temos a forma estática ou dinâmica, em movimentos verticais, horizontais ou diagonais. Criamos cada dimensão no espaço dando movimento direcional na imagem.



Não de apegue. (Acervo pessoal)
Desenho feito por uma criança de 10 anos. 2019.

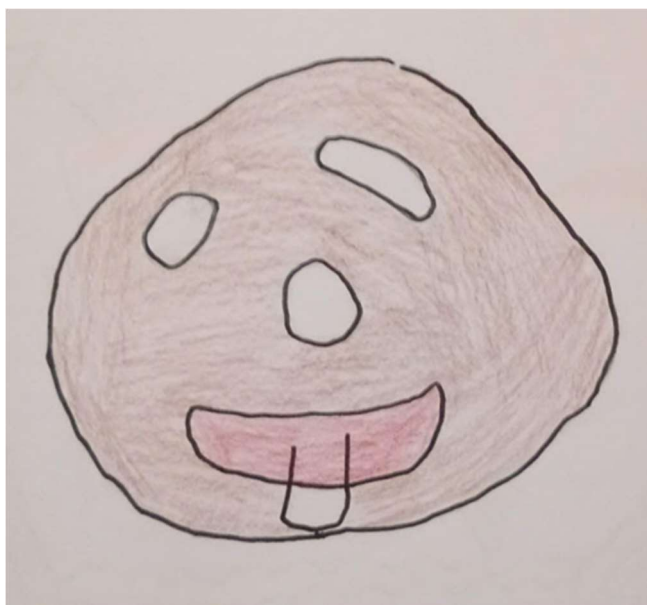


Experimento de Velocidade. (Acervo pessoal)
Desenho feito por uma criança de 10 anos. 2019.



*Cachoeira. (Acervo pessoal)
Desenho feito por uma criança de 11 anos. 2019.*

Superfície - nossa percepção é levada a observar altura e largura se integrando, de forma a que um não possa ser visto sem o outro.



*Superficial. (Acervo pessoal)
Desenho feito por uma criança de 11 anos. 2018.*

Volume - nesse elemento há superposições de planos diagonais que se fecham formando a representação de um volume, forme este uma imagem geométrica ou não.



Menina mais alta. (Acervo pessoal)
Desenho feito por uma criança de 10 anos. 2019.



Árvore sem sombra. (Acervo pessoal)
Desenho feito por uma criança de 10 anos. 2019

Luz - é o contraste formal entre o claro e o escuro. Esse contraste pode existir sem que haja um foco de luz direto.



Gato preto. (Acervo pessoal)
Desenho feito por uma criança de 10 anos. 2019.

Cor - a cor se caracteriza pela carga de luminosidade que lhe é inerente. Ao vê-la diante de nós, nos damos conta do quanto uma cor próxima a outra pode nos fazer percebê-las de formas diferentes.



Arvore e sol. (Acervo pessoal)
Desenho feito por uma criança de 11 anos. 2019



Pensamentos Coloridos. (Acervo pessoal)
Desenho feito por uma criança de 11 anos. 2018

Traçando um paralelo entre as definições que aqui foram postas de maneira muito sucinta e objetiva, pode-se notar que o desenho dos estudantes nessa fase de transição esboça maturidade em alguns momentos, expressando claramente um elemento em destaque. O desenho dos estudantes demonstra um esforço para ser a exemplificação de modelo mais naturalista, porém são nítidos os aspectos idealizados do mundo, que caracterizam a construção do desenho.

É verdade que os significados dos elementos visuais e suas associações têm uma abertura ampla, mas podemos eleger alguma coisa de mais definível dentre esses elementos, para que possamos reconhecer e agrupar algumas identidades expressivas. Portanto, mesmo reconhecendo que, como Fayga, pressupõe, há vários outros elementos que contemplam a linguagem visual, segue sendo pertinente o uso desses cinco elementos como base mais sólida para a construção visual da arte em si. (OSTROWER.1983 p 65)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta monografia, busquei abordar alguns elementos que auxiliam a compreensão do comportamento das crianças em transição para a adolescência. Nosso propósito foi encontrar um norte, através do ensino de artes visuais e do desenho, para que essa transição possa ocorrer da forma mais suave e consciente possível. Levou-se sempre em conta o foco no desenvolvimento do desenho como meio primordial de desenvolvimento da autonomia e da identidade. Esses temas foram entrelaçados, de alguma maneira, seja pela descrição psíquica de comportamento dos estudantes nesta idade, seja pela descrição dos elementos das artes visuais, tendo como referência a artista e professora pela Fayga Ostrower e também a nova Base Nacional Comum Curricular - pela BNCC, publicada em 2018.

Conseguimos perceber nos desenhos apresentados para ilustrar algumas ideias e conceitos que a arte pode sim, desenvolver a autonomia e promover a qualidade da construção da identidade dos adolescentes. Através da arte, as crianças sentem-se à vontade para se expressarem, mostrando-se, como numa janela. Um profissional capacitado pode acessar várias informações e, em conjunto com o professor de arte e a equipe pedagógica, podem atuar de maneira muito mais eficiente. A produção visual de cada estudante exerce um espelho dos seus arquivos mentais. Nesse sentido, o aluno se percebe e se mostra único quando, por exemplo não é levado a fazer cópias do que já existe, mas ao contrário é estimulado a criar a partir de seus pensamentos (conscientes e inconscientes) e vivências acumuladas. Sob a orientação do professor de arte a expressão criativa do aluno norteada por memórias e anseios, constrói o conhecimento em artes visuais.

Atrelando o desenho aos arquétipos de Jung propomos um estudo mais amplo para investigar as características do subconsciente, descritos por Jung em seu livro: *O Eu e o Inconsciente*. A importância do desenvolvimento da linguagem visual, reside entre outros pontos, em dar a todos a possibilidade de se expressarem, deixando que as conexões entre imagens e pensamentos sejam feitas, sem medo da crítica,

sem pensar que precisam ser aprovados, conscientes de que são capazes, por que lhes foram dados os instrumentos para isso.

Uma maior interação entre o professor de arte e o profissional de psicopedagogia pode trazer benefícios significativos tanto para alunos quanto para a escola. Em conjunto esses profissionais poderiam analisar as características dos desenhos produzidos pelos alunos estimulando-os, por exemplo, a fazer registro visual de sua rotina e dos encontros familiares. Uma outra proposta, para ser trabalhada em novos projetos, é a de criar uma cápsula do tempo, onde os estudantes irão guardar o seu autorretrato juntamente com uma lista de quem eles pensam que são e de seus anseios ao ingressar no sexto ano; e, ao chegarem no nono ano, onde finda o ensino fundamental, retomar essa atividade e refazer a mesma prática, abrir a cápsula do tempo, observar o que ocorreu neste período, se houve mudanças na construção de si mesmos e em relação ao seu desenho.

Acredito que a escola pode atuar de forma proativa no direcionamento de esforços que melhorem a qualidade de vida do estudante, promovendo sua maior autoestima, independência e senso de pertencimento a um grupo que compartilha de dilemas semelhantes aos seus. Enfim, a arte por essa abordagem aqui apresentada estaria sendo trabalhada em alguns dos seus aspectos mais concretos e naturais, o da subjetividade, da expressão e da contínua construção do Eu.

6. REFERÊNCIAS

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular - BNCC*. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>

CAPELATTO, Ivan Roberto. *Adolescente ontem, hoje e amanhã*. Disponível em: https://tvcultura.com.br/playlists/153_cafe-filosofico-programas-2012_bX6pqBvLjTs.html

DAMÁSIO, Antônio. *Como o cérebro cria a mente*. Scientific American. Edição especial: Os segredos da mente, n. 4, 2004.

FRONER, Yacy-Ara. *Pesquisa em/sobre ensino de Artes Visuais*. In PIMENTEL, Lucia Gouvêa; FRONER, Yacy-Ara (orgs.). *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008. p. 70-79.

GARDNER, Howard. *Arte Mente e Cérebro: uma abordagem cognitiva da criatividade*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GARDNER, Howard. *As Artes e o desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

JUNG, Carl August. *Inconsciente Coletivo*. Série Psicologia Analítica. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FUG3DXZcvks>

MLODINOW, Leonard. *Subliminar: como o inconsciente influencia nossas vidas*. Nova York. Zahar, 2012.

OSTROWER, Fayga. *Universos da Arte*. Rio de Janeiro. Editora Campos, 1983.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *Metodologias do ensino de Artes Visuais*. In: *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais*. Vol.1. Belo Horizonte: EBA/UFMG, 2007, p. 8- 21.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *O ensino de arte e sua pesquisa: possibilidades e desafios*. In: NAZÁRIO, L; FRANCA-HUCHET, P. *Concepções contemporâneas de Arte*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p.310-317.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. *Processos artísticos como metodologia de pesquisa*. In *OuvirOUVer*, v.11, n.1, 2015, p.88-98. Disponível em: Acesso em: 27/12/2019.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa; XAVIER, Samara Vilaça. *Pesquisa em Ensino/Aprendizagem de Artes Visuais*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2019.

READ, H. *A Educação pela Arte*. Edições 70: Lisboa. 1982.

REY, Sandra. *Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais*. Porto Alegre. V. 7, N 13, p. 81-95, nov. 1996. Disponível em: <<https://www.sandra-rey.com/textos-ciuv>>. Acesso em: 10/01/2020.

SOUZA, Líria Alves de. *"Heráclito: o filósofo do fogo"*; Brasil Escola. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/quimica/heraclito-filosofo-fogo.htm>>. Acesso em: 11/12/2019.

VELOSO, Caetano. Cinema Transcendental: *oração ao tempo*. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/discografia/cinema-transcendental-1979/>> Acesso em: 15/01/2020.

WILSON, Brent. WILSON, Marjorie. *Uma visão iconoclasta das fontes de imagens nos desenhos de crianças*. Revista AR TE, n. 1 e 2, São Paulo, (1973)1982.